

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 296

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

6.º Anno

NUMERO AVULSO, 30 REIS

JUSTIÇA

Já estava escripto, e composto, o artigo que vae adiante, sobre o caso Djalme, quando lêmos o *Diario da Tarde*.

Sem querermos deixar de nos referir ao artigo, com que o nosso estimado collega responde ás apreciações, que fizemos na ultima *Carta d'Algures*, agradecendo-lhe todas as palavras amáveis que nos dirige, não é nosso proposito travar discussão com o collega sobre um assumpto, em que, afinal, estamos d'accordo. Por isso, conhecedores da sua extremada cortezia, o desobrigamos, desde já, de nos responder por mera deferencia.

Limitar-nos-hemos a umas considerações geraes.

Um dos motivos, porque a missão da imprensa deixa muito a desejar em Portugal, é nós termos o vicio das quadrilhas mettido no corpo até aos ossos. Entre nós não ha partidos. Ha, simplesmente, quadrilhas. Andamos a dize-lo ha muitos annos. Já estava dicto antes de nós. E muitos outros o teem dicto quando nós. Mas não se perde nada em repeti-lo.

A justiça, o direito, a verdade, são, para quasi todos os publicistas portuguezes, palavras de simples ornamentação. Fogo de vista. Ou zagalotes, para carregar o bacamarte com que esperamos o adversario ao voltar de uma esquina.

Tudo quanto fazem os adversarios é mau. Tudo quanto fazem os nossos amigos é bom. Entre os nossos amigos nunca ha um criminoso. Se o ha, é preciso rouba-lo á acção da justiça. Entre os nossos inimigos nunca ha um justo. Se o ha, é indispensavel, e quanto antes, crucifica-lo.

Isto são partidos? São defensores d'uma causa social, os que assim procedem? São quadrilhas. São quadrilheiros. Nada mais.

Terrível sangue de salteadores, o que circula nas nossas veias!

O partido republicano podia, e devia, pela penna dos seus jornalistas e pela bocca dos seus oradores, ter reagido contra esse terrível vicio de origem. Não o fez, e d'ahi, talvez, a evidente esterilidade em que se tem debatido até hoje. Não fez escola. Não constituiu um ponto de apoio moral, indispensavel no vacuo que se creara na sociedade portugueza. Não serviu de estimulo, nem de referencia, a tantas almas momentaneamente desalentadas, ou perdidas n'um labyrintho de maus sentimentos e de pessimas idéas. A força depressiva d'ahi resultante, a somma de scepticismo que esse facto provocou, mal se póde imaginar. O partido republicano foi na

corrente dos partidos monarchicos, adoptando, augmentados e aperfeiçoados como é proprio de todas as novas edições, os processos dos partidos monarchicos. Em tudo. Nós protestámos e protestaremos sempre. Só conseguimos atrahir sobre a nossa cabeça os odios profundos dos nossos proprios correligionarios!

Criminosos, entre os republicanos, não ha. Se os ha, dá-se um pontapé na lei, mas salvam-se. Excepto se o republicano tem a pouca vergonha de não dizer *amen* a tudo quanto fazem os ensaiadores e regentes d'orchestra. Accuse alguém, amanhã, o autor d'estas linhas d'um roubo ou d'um assassinato, e ver-se-ha quantos jornaes republicanos sahem a dizer: «Esse homem era incapaz de commetter esse crime!» Nem um! E, comtudo, podemos dize-lo bem altivamente, poucos teem combatido e soffrido pela causa da democracia como nós. Bem poucos.

Mas voltemos á regra geral. Não ha criminosos entre os republicanos. N'outro dia, um, assassinou uma mulher. Logo um diario republicano—ou mais, um lêmos nós—sahiu, em tom de defesa, a lamentar a sorte do infeliz. Realmente lamentavel. E o infeliz, que nós conhecemos em tempo, um bello moço, na verdade. Mas nenhum de nós, sómente porque é jornalista republicano, tem o direito de influir sobre a opinião, ou de embaraçar a justiça, pelo facto do criminoso ser republicano. Quando fazemos precisamente o contrario, se o criminoso é monarchico.

Se o crime é commettido por monarchico, e por monarchico de cathogoria, todos os jornaes republicanos bradam, desde o primeiro dia, que se movem altas influencias a favor d'elle, e todos, unanimemente, pedem justiça, protestando contra o *nepotismo* e a *iniquidade*. Mas se o crime é commettido, por um republicano, não se limitam a calar-se, que isso seria relativamente correcto; sahem todos a defende-lo.

Isto póde ser? Isto é justiça? Isto é um partido de principios e de defesa social?

Nenhuma collectividade, nenhuma familia tem o direito de defender um dos seus membros até ao ponto de *tentar rouba-lo*, ou de deixar suspeitar, sequer, que tenta faze-lo, á acção da justiça. Nenhum!

E' lamentavel, profundamente lamentavel, que nós sejamos o unico jornalista democrata a fazer esta affirmação d'alta justiça e d'alta moralidade.

Mas, como vinhamos dizendo, n'outro dia um republicano assassinou uma mulher, e logo os

jornaes do partido, ou alguns, se apressaram a defende-lo. Agora vem o caso Djalme e succede outro tanto, mas em circumstancias exaggeradissimas. E tão inabilmente que fica em toda a gente a impressão, ou que temos a pretensão idiota, como já dissémos, de que não póde haver um republicano que não seja um justo, ou de que temos o proposito firme de proteger todos os republicanos até ao ponto de os subtrahir á acção da justiça.

Não póde ser. E', sob um duplo ponto de vista, quanto ha de mais errado.

Mas, dir-se-ha, a policia emprega processos condemnaveis. Pois limitemo-nos a pôr em evidencia esses processos. Sejamos habéis, que tudo depende, ás vezes, da *maneira de fazer*. E ahi mesmo a imprensa republicana perdeu a auctoridade. E' o caso já referido. Os processos são maus sómente quando nos prejudicam. Mas contra os inimigos todos servem, por peores e mais detestaveis que elles sejam. Qual foi o jornal republicano que protestou contra o processo da carta da mulher do sr. José Luciano? Comtudo, nada mais condemnavel do que empregar como arma politica uma carta escripta por uma mulher a seu marido, fiada no sigillo da correspondencia e no recato do lar, carta em que o mais grave não são as referencias politicas mas as referencias de character intimo, carta publicada por extenso e não na parte essencialmente politica, e carta que não foi fornecida á imprensa, nem pela pessoa que a escreveu, nem pela pessoa que a recebeu.

Qual foi o jornal republicano que protestou contra isso? Quasi todos applaudiram calorosamente. Então aguentem-se. Quem com ferro mata, com ferro ha de morrer.

Para que o partido republicano se torne uma grande força, força de attracção e de impulso, é necessario que colloque os principios acima de tudo.

Este é o nosso velho modo de ver. E com elle morreremos impenitente, o que é para nós, se a melancholia da nossa alma ainda admite algum allivio, uma verdadeira consolação.

O ESPIRITO DEMOCRATICO

Depois da batalha de Jemappes, a que nos referimos no ultimo artigo, seguiu-se a conquista dos Payses Baixos. E por toda a parte o exercito francez espalhou os principios revolucionarios. Nem o mundo moderno sabe o que deve a essa França generosa!

Dumouriez, o general em chefe, na sua proclamação aos belgas dizia-lhes que só uma corporação existia no mundo: *a dos homens livres*; todas as outras, de padres, de nobres, deviam desaparecer. A archiduezia Maria Christina tinha annuciado, ao deixar Bruxellas, que o imperador manteria immutavel a constituição de Brahant. Dumouriez respondia que essa constituição não era mais do que o pacto d'um povo escravo com um despotas. «Livres e soberanos d'ora ávante, dizia elle aos belgas, renuncie a essa antiga representação composta d'um pequeno numero de familias e de individuos; renuncie á magistratura, que não podeis eleger; renuncie a todos os titulos e privilegios abolindo a nobreza e o clero. Conservae os vossos curas e vigarios, dando-lhes só o indispensavel para viverem honestamente; mas acabae, reduzindo-os á pobreza, com os prelados, os abbades e os frades que vos devoram. Que todas as distincções de provincia, de gerarchia, de classe, de profissão, desapareçam d'entre vós. Vivei como irmãos, unidos, sempre unidos, e sereis um povo tão feliz quanto poderoso.»

Para maior propaganda dos principios revolucionarios, Dumouriez installou por toda a parte sociedades populares, filiaes da grande Sociedade de Paris. Logo no dia immediato ao da batalha de Jemappes, abriu-se um club em Mons, que offereceu um barrete phrygio ao libertador da Belgica, ao homem que, como ministro e como general, tinha declarado a guerra ao tyranno e o tinha vencido. Dumouriez felicitou os habitantes de Mons por estabelecerem o primeiro club nos Payses Baixos e por mostrarem que o povo belga estava preparado para receber a liberdade.

Bruxellas seguiu o exemplo de Mons. A 15 de dezembro, o dia immediato ao da entrada dos francezes, os membros do comité revolucionario fundavam uma Sociedade popular. Nomearam presidente o eloquente d'Espagnac que, «abbade e nobre, tinha sabido calcar aos pés os dois preconceitos, o do orgulho e o do despotismo.» Dumouriez assistiu á sessão de 18 de novembro. Apresentou Baptiste Renard, anteriormente seu creado de quarto, agora capitão da guarda nacional e seu ajudante de campo. Mostrou a espada que a Convenção tinha dado ao heroe de Jemappes e, para provar que já não havia distancias entre os homens, abraçou Baptiste. O entusiasmo e a commoção foram enormes.

Estas scenas theatraes, a que se entregavam a cada instante os dirigentes da Revolução, foram a maior alavanca de successo que elles empregaram. Levantavam os espirites aqueciam os animos, exaltavam-nos até aos lances mais ariscados e ás dedicações mais extremas.

Não obstante todos os esforços para atrahir o povo belga á causa da liberdade e da emancipação, a maioria d'elle, embrutecido, reagiu. Então a Convenção recorreu aos meios extremos, como era seu costume. E proclamou a soberania do povo, a abolição dos impostos e dos privilegios, a suppressão de todas as auctoridades estabelecidas, juramento de fidelidade á liberdade e á egualdade etc, ordenando que Dumouriez fizesse executar esse decreto. Dumouriez negou-se, a pretexto de que era uma violencia. Mas então se viu o caso admiravel de Delacroix, delegado civil da Convenção junto do exercito em operações, intimar Dumouriez a obedecer, sob pena de ser preso immediatamente e enviado a Paris, para se explicar na barra da Convenção. E Dumouriez, o general vencedor, o general glorioso, curvou a cabeça e obedeceu! Tanto a força do exercito republicano, emquanto viveram esses grandes homens que synthetisavam a Revolução, estava nas idéas que o inflamavam, e não na espada que o commandava.

Admiravel exemplo!

Mas d'esses exemplos veremos mais, no decurso d'estas instructivas e muito deleitosas historias e licções.

Iremos vendo e apprendendo.

O caso Djalme

Este caso veio, mais uma vez, pôr em evidencia a anarchia e dissolução moral em que se debate a sociedade portugueza.

Tanto a policia do Porto, e outras auctoridades envolvidas no assumpto, como a imprensa, e em especial a imprensa republicana, teem dado provas da mais completa falta de escrupulos e da mais absoluta incapacidade.

Nunca se viu uma coisa assim! E, no entanto, quasi toda a gente está muito contente com o que se passa!

Ao mesmo tempo que se conserva um homem longos dias preso, sem culpa formada, e incommunicavel, ao mesmo tempo que a policia conserva secretas certas peças do processo, a mesma policia dá a maior publicidade a outras averiguações, chegando o commissario de policia a chamar os *reporters* dos jornaes para a pôr em dia com alguns dos elementos constitutivos do auto do corpo de delicto! E os *reporters* vão! E nenhum dos jornaes do Porto se revolta contra um procedimento de tal ordem! E o governo, que pratica dictaduras e abusos a cada instante, não tem um acto de boa energia moral para pôr termo a tão descarada e perniciosamente pouca vergonha!

Vê-se, perfeitamente, que estamos no paiz da *corregedoria*, isto é, n'um paiz onde ninguém respeita o direito e a justiça, nem mesmo aquellos que se dizem seus campeões e se esfalfam a gritar por elles.

N'este ponto é espantosa a attitudde d'alguns jornaes republicanos, que se deveriam limitar a pôr em relevo as flagrantes irregularidades, os monstruosos attentados ao direito e á justiça commettidos pela policia do Porto, arradando completamente a questão da culpabilidade ou não culpabilidade do tenente Djalme. D'essa fórma teriam do seu lado toda a gente de

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

valor moral e intellectual, ou, por outra, teriam do seu lado a razão, que é, no fim de contas o elemento decisivo em todas as questões. E d'essa forma prestariam ao seu correligionario o maior de todos os serviços, que n'esta occasião lhe puderiam prestar. Mas começando por ver no procedimento da policia um novo attentado Dreyfus, ameaçando por estabelecer, como base fundamental e indiscutivel, a tradição de honradez ligada ao nome do sr. Djalme, tornaram-se suspeitos, e, até certo ponto, ridiculos, não fazendo outra coisa senão comprometter o infeliz official.

Duas coisas compromettem, ou, pelo menos, deixam certas duvidas sobre o sr. Djalme. E são ellas: primeira, a attitude da imprensa republicana, que nunca teve na sua vida habilidade para salvar compromettidos, mas, unicamente, para comprometter os que estão salvos; segunda, certas amizades, ou relações, que o sr. Djalme cultivava. Mais nada. A policia, por emquanto, não lhe tem feito mal nenhum, não porque lh'o não tenha querido fazer, mas porque lh'o não tem sabido fazer.

Pretende a imprensa republicana que a policia procura apenas vingar-se do sr. Djalme, que, segundo ella, foi sempre d'uma honestidade tal que o põe a coberto de todas as suspeitas, e que temos na forja, por isso, um novo attentado Dreyfus.

Ora o caminho seguido pela policia, não obstante as suas irregularidades, tem sido de natureza inteiramente opposta ao que deveria seguir se, na verdade, tivesse na forja um caso Dreyfus. Depois, Dreyfus era um homem de quem todo o mundo dizia mal, e, por isso mesmo, com todas as probabilidades de ser um homem de caracter. E o sr. Djalme é um homem de quem todo o mundo diz bem, sem que com isto queiramos insinuar que não seja uma pessoa digna a todos os respeitos.

Pois a imprensa republicana não vê, que, á força de atear sobre a universal reputação de honradez do sr. tenente Djalme, ella que tem feito universal reputação, de mais pessoas a outras absolutamente incapazes de commetterem uma pafaria, não vê que ha de acabar por lançar, d'esse modo, a suspeita sobre o illustre official?

Dá-nos a nós vontade, a nós, que tambem o queremos ter na conta de incapaz dos actos que lhe attribuem, dá-nos a nós vontade de dizer mal d'elle, para o salvar.

De Dreyfus todo o mundo dizia mal. Que era jogador, que tinha amantes, que era d'um temperamento brutal, que era um canalha, tudo, enfim. Mas do sr. Djalme todo o mundo diz bem. Em caso nenhum, pois, Djalme pôde ser Dreyfus, embora seja—isso é outro ponto de vista—innocente como Dreyfus, o que devemos, por emquanto, acreditar.

Um homem de caracter, um homem integro, não pôde, em sociedade nenhuma, mas, sobretudo, pelo grau de desmoralisação em que se encontra, na sociedade portugueza, merecer reputação universal de boa pessoa. Essa reputação só a tem, só a merece, só a pôde ter, só a pôde merecer, um homem sem caracter, um homem fraco, pelo menos, um accommodatio, um imbecil, ou um cúmplice. Senão um cúmplice de todos, um cúmplice nos crimes e erros dos partidarios, socios, ou amigos, pelo menos.

Pois não vê isto a imprensa republicana?

O sr. Djalme, para ser um homem ás direitas, como, por emquanto, julgamos que é, não podia ser odiado só pela policia, porque a policia o suppunha o capitalista do Alarne. Havia de ser odiado por muita gente. Muita gente havia de dizer mal d'elle, incluindo alguns, ou muitos, dos proprios republicanos. Ou não é, não pôde ser, aquillo que certos jornaes pretendem que elle seja. Que se apresse a dizer isto, mudando de tactica, a imprensa republicana. Ou é então que o caso, verdadeiramente, começa a

adquirir importancia, tornando-se suspeito.

E' formidavel, como sempre, a imbecilidade d'essa imprensa!

Em caso nenhum, ella deveria quebrar lanças, à priori, pela innocencia d'um supposto criminoso, embora, com todo o cuidado e habilidade, fosse seu dever zelar a causa, se o accusado fosse seu correligionario. E' um dever de honra para um homem que maneja uma penna, e d'alta justiça, denunciar todas as irregularidades que saiba praticarem-se na formação de culpa, seja quem for o accusado. Mas, tratando-se d'um correligionario ou amigo, comprehende-se que se desentrola mais zelo ainda do que tratando-se d'um indifferente. Não fica isso mal a ninguém. Mas o que for além d'isso, é, manifestamente, ou um crime, ou uma asneira.

Supponhamos—todas as hypothesees são admissiveis—supponhamos que amanhã, por um incidente de processo, que pôde surgir,—já elles não faltam de molde a provocar desconfianças—se demonstra cabalmente a criminalidade do sr. tenente Djalme. Com que cara ficam esses jornalistas republicanos, que, com tanta parcialidade, tem tratado largamente o assumpto? Em que situação fica um partido, que delega a sua causa nas mãos d'esses estupidos?

Outra circumstancia, que compromette o sr. Djalme, é a sua facil convivencia com varias figuras suspeitas, ás quaes dava, ao que se vê, facil accesso, e que, segundo se diz, o exploravam.

Seria um acto de bondade. Queremos acreditar. Mas,—valha-nos Deus!—não era um acto de austeridade, nem de habilidade.

Ora eis aquillo que, na nossa opinião, mais compromette o sr. Djalme até este momento. E' a attitude inhabil d'uma parte da imprensa republicana, e uma certa facilidade de relações com creaturas mais do que suspeitas, em que o sr. Djalme imprudentemente cahiu.

Mais nada.

Cartas d'Algures

7 DE ABRIL.

Mais uma das chamadas *tragedias d'amor*. Um namorado mal correspondido assassina a mulher que, por se ter aborrecido d'elle ou por qualquer outra circumstancia, deixou de lhe corresponder. E o facto foi recebido, novamente, como a coisa mais natural do mundo, ou com exclamações e commentarios d'um sentimentalismo idiota.

Ora é tempo de combater, muito a sério, essa tendencia cruel a assassinar as mulheres, que no uso pleno do seu direito, e da sua liberdade, se aborreceram dos homens. Tendencia verdadeiramente doentia, ou verdadeiramente criminosa. Mas, doença ou crime, para a doença e para o crime ha remedio, ha, pelo menos, meios prophylacticos ou hygienicos. E a grande hygiene social, n'este caso, estaria, e está, não em chorar a sorte d'um desgraçado que a paixão allucinou, mas em estigmatizar o acto por elle commettido.

Não pôde ser. Carpir o crime é incitar ao crime. Cercar de piedade a memoria ou o nome dos heroes d'essas tragedias é crear novos heroes, sobretudo n'este paiz em que o effeito suggestivo das cantigas e das lagrimas é pavoroso, alastrando rapidamente como bicharada, em monte d'estrume. Aqui é que eu queria ouvir os *feministas dos dois sexos*, os cavalleiros andantes da emancipação da mulher. Não faltava mais nada ás desgraçadas senão o triste destino, depois de tantos baldões, de tantos martyrios, de tantas agonias porque a brutalidade e o desprezo dos homens as fazem passar—horroroso martyriologio de tantos seculos—do que estabelecem-se agora, como moeda corrente e pão nosso de cada dia, fazer-lhes pagar, na ponta d'uma faca ou na bocca d'um revolver, a audacia de se aborrecerem d'um

homem antes do homem se aborrecer d'ella.

E' revoltante.

Mas a paixão, dir-se-ha, é cega. Pois bem, abra-se-lhe os olhos. O coração tambem tem leis, tambem se governa. Só esses assassinos teem amado na sua vida? Só elles teem tido as dôres cruciantes d'um amor desilludido? Teem amado, talvez, menos do que outros que lutaram heroicamente com a sua paixão, dominando-a, amaciando-a, ou vencendo-a. E quantos não teem vivido, e quantos não vão vivendo com ella até ao tumulo, sentindo-lhe as garras a todá a hora, sem conseguirem, sequer, atordoá-la!

Mas cumprem o seu dever. E' esse dever, que os homens, que escrevem para o publico, devem ensinar. E' preciso levar o alento, a coragem, a noção do dever e da justiça ao espirito dos outros. E' preciso dizer-lhes que não ha nada mais iniquo, mais egoista, mais covarde, do que matar uma mulher n'essas condições.

O dever de todo o homem é lutar com as contrariedades, as mil contrariedades que, na vida, se levantam deante de nós a cada passo. Com as difficuldades que nos sobreveem a cada instante. Com as desgraças que nos surgem de cada canto. E esse é o dever, o imperioso dever imposto a todos aquelles que entram nos combates. Sem paciência, sem perseverança, sem resignação e sem generosidade, o homem é uma besta fera ou um misero, e não tem verdadeiro direito ao nome de homem, com todas as regalias e attributos que esse nome na sociedade lhe concede.

Não deve succumbir, nem fraquejar, á primeira difficuldade, ou á primeira agonia que, na estrada tão aspera da vida o attingir. Mas quando não possa lutar e tenha de succumbir, succumba só.

Não pôde resistir á louca paixão que de si se apoderou? Morra, e está tudo acabado. Que mais quer? Pois não é solução sufficiente? Terminam ali todas as suas dôres. Que sentimento é esse, que o leva a arrastar atraz de si uma outra pessoa que só commetteu o crime de não pensar ou de não sentir da mesma fórma? E' um sentimento vil. E aquelles que o lamentam, em vez de o estigmatizarem, nem dão provas de intelligencia, nem dão provas de coração.

Sentimento iniquo, sentimento egoista, sentimento tyrannico.

Nós não admittimos o suicidio. Repugna-nos, ao nosso forte e altivo temperamento. O lutador, que volta ás costas á desgraça e foge deante d'ella, é, em todos os casos, um fracalhão. Mas se esses allucinados do amor persistem em não querer soffrer as agonias d'um combate realmente difficil, realmente doloroso, e preferem fugir da vida, fujam, mas fujam sós, sem levarem consigo victimas innocentes.

Isto é que é correcto. Isto é que é digno. A unica coisa que, em ultimo caso, se pôde admittir.

A mulher não mata o homem, porque o homem se aborreceu, se cançou, se enfatiou d'ella. O homem não pôde matar a mulher, nas mesmas condições. E' elle que, muitas vezes, a seduz. E' elle que a arrasta ao abysmo. A mulher é victima constante de mil torturas physicas e moraes, que o homem exerce sobre ella. E ainda por fim o tyranno lhe arranca a vida, se ella tem a ousadia de lhe dizer: «Passe muito bem, que eu não posso, nem quero atura-lo por mais tempo.»

Não pôde ser. Por nossa parte protestamos vivamente contra esse revoltante egoismo, contra essa negra tyrannia, contra esse sentimento vil, e lamentamos que a imprensa jornalística deixe lavrar essa lepra, que se vae juntando, assustadoramente, a outras das doenças que já vinham correndo o nosso tão enfraquecido organismo social.

A. B.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete

A "OSMOND,"

O CONVENTO DAS CARMELITAS

nos

Reaccionarios d'Aveiro

Brado de burro!
Mão anonyma envia nos um folheto intitulado *Brado em favor d'um monumento*. O *Brado* tem uma carinha, com azas abertas, na primeira pagina. A mão anonyma, escreveu em volta: «Que lindo anjinho!» E por baixo: «Auctor, o Papa-Sellos». Estamos inteirados.

O *Brado* é a favor do convento das Carmelitas, é claro. Mas não diz senão asneiras. Auctor, Papa-Sellos. Portanto é caso para repetir o dictado:

Brados de burro não chegam ao céu! Nem mesmo que o burro esteja na graça do Senhor.

Continuamos a repetir: para castigo d'Aveiro só lhe faltava que o Papa-Sellos, o Lontro, e quejandos, tivessem voz activa e passiva n'esta terra. Passiva, estava nos mandamentos do Senhor, que traça a cada um o seu destino n'este valle de lagrimas. Mas activa... é forte.

Junto com essas creaturas inqualificaveis, continuam os francecos a sua torpissima especulação. Agora a manha d'elles é desviar as atenções para a rua do Loureiro. Porque a rua do Loureiro assim e porque a rua do Loureiro assado. E' claro que se se tratasse da rua do Loureiro, elles diriam: «Melhoramento util, grandioso, de primeira necessidade, seria a Avenida do Terreiros». Ou inventariam outro melhoramento qualquer. Refinadissimos canalhas!

Mas o valor moral d'esses trahentes está na papeleta immunda que os representa em publico, e onde se inventam por systema todas as infamias. Viu-se como ainda ha dias os miseraveis inventavam uma carta do ex-governador civil d'este districto. Chamados a contas, a carta foi-se, pelo mesmo caminho por onde tinha vindo. Assim são em tudo. Garotos dos mais repugnantes.

Mas voltemos á rua do Loureiro. Não foi o pequenino Domingos a Lisboa, com a sua alta auctoridade, pedir melhoramentos? Pois bem. Que o pequenino Domingos obtenha o alargamento da rua do Loureiro. E nós não só applaudimos, como daremos para a obra, do nosso bolso, alguma coisinha. Fique certo o compadre.

Compadre diz que nós lhe devemos mundos e fundos e que devemos beijar o chão em que elle pisa os pés. Não, compadre. Você esquece-se de que quem deve favores é sempre o agiota, quando o devedor paga a sua quantia no prazo legal. Nós hoje não temos tempo, compadre, para brincar comsigo. Temos hoje muito que fazer. Você fica para as horas vagas. Mas sempre lhe diremos que fomos nós os primeiros que o ajudámos a enriquecer. Fomos o seu melhor consumidor. E você recompensou-nos levando-nos mais 30 e 40 % do que aquillo que lhe era permitido. O compadre chegava a isto: quando lá ia um empregado nosso comprar-lhe drogas perguntava: «E' para você ou para o patrão? Se é para você, é tanto. Se é para o patrão, é tanto». Para nós, o preço era sempre mais elevado, é claro.

Ah! negociante d'uma canna! Ah! grande catão! Você ganhou rios de dinheiro á nossa custa, sem nós lhe ficarmos a dever um real, e nós agora é que temos de beijar o chão que você pisa! Ah! grande catão!

Tambem Domingos allega que tem boas qualidades. Pois tem. Ninguém lh'as nega, nem negou já-mais. Aqui não escrevem os canalhas da sua gazeta, que se não pejam de recorrer descaradamente a todas as mentiras, calumnias e infamias. Que inventam e deturpam conscientemente. Aqui faz-se justiça. Você tem boas qualidades, Domingos. Mas de que você se esqueceu é de que não são as suas boas qualidades que nós censuramos. São as más. Ouviu, Domingos? São as más.

Mas isso fica para outro dia.

Assentemos agora n'este ponto! Você arranja a que se alargue a rua do Loureiro. Você, homem grande e influente. Faz com que a rua siga até á rua d'Alfandega. Abre uma subscrição publica, se lhe parecer, para auxilio da obra. E nós lhe affiançamos que, além de applaudirmos, subscrevemos.

E, posto isto, diga aos canalhas dos seus correligionarios que deixem em paz a obra da Avenida, porque em nada irá prejudicar a obra da rua do Loureiro.

E voltaremos á falla.

EPIGRAMAS DEMOCRATICAS

3 de abril.—Morte de Flourens, 1871.

Gustavo Flourens era filho do grande physiologista Pedro João Maria Flourens, elle proprio um sábio, um pensador e um reformador eminente.

Regendo o curso de historia natural no Collegio de França, fez guerra aberta á Egreja, e ás auctoridades em materia de fé, atrahindo sobre si as perseguições e os odios ferozes dos reaccionarios. Passando então á Belgica fez publicar em volume o seu curso e começou a fazer conferencias em Bruxellas, Liege e Anvers, que obtiveram extraordinario successo. Da Belgica passou a Constantinopla, onde continuou as suas conferencias, tão sensacionais que o governo turco as prohibiu.

Sahindo da Turquia dirigiu-se a Athenas, onde fundou um jornal republicano. Rebentando uma insurreição em Creta, para aqui se encaminhou immediatamente, compartilhando todos os perigos e privações dos insurgentes.

Voltando a França baten-se com Cassagnac e sustenta a mais violenta campanha contra o imperio, sendo a sua cabeça posta a preço pelo governo imperial. Proclamada a Republica, fez viva opposição ao governo da defesa nacional. Deposto este pela Comuna, Flourens foi nomeado coronel communalista e n'essa qualidade encarregado de marchar sobre Versailles á testa de uma columna de federados. Batendo-se brilhantemente, foi morto em combate no dia 3 de abril, segundo uns, e á traição, denunciado aos gendarmes por um estalajadeiro, segundo outros.

Os republicanos portuguezes, que haviam assistido ao jantar do Largo do Quintella, reunem-se na rua da Rosa, já citada, em casa do dr. Isidoro Vianna, e elegeo o Directorio do Partido Republicano Democratico Portuguez, composto de 33 membros, 1876.

4 de abril.—Morre em Lisboa, descrente e abandonado, Mousinho da Silveira, 1849.

Grande nome! Grande homem! Cuja vida extraordinaria mal se pôde resumir em meia duzia de linhas.

José Xavier Mousinho da Silveira foi o grande fundador do moderno Portugal, remodelando tudo, com as suas leis formidaveis, na familia, na politica, na administração, na industria, abolindo os dizimos e os direitos reais, separando as funções judicias das funções administrativas, organisando os tribunals de justiça, proscrevendo a hereditariedade dos officios, etc, fazendo d'esse modo a mais extraordinaria revolução politica e revolução economica. Cada um d'esses decretos, que immortalisaram o seu nome, era um golpe fundo no antigo regimen, alluindo-o e fazendo-o desabar sem probabilidades de restauração.

Esse homem grande, verdadeiramente grande, deixou de ser ministro em 1833 e nunca mais voltou a sê-lo! José Estevão nunca o foi. Passos Manuel foi-o uma vez. Mousinho da Silveira, depois do triumpho da causa de D. Pedro, uma vez só, tambem!

Como é triste, ter de registar isto! Mousinho da Silveira só encontrou em volta de si dois actos de gratidão, depois de ter servido o seu paiz d'um modo formidavel. Um foi o dos habitantes da ilha do Corvo; outro foi o dos habitantes do Gavião. Por isso declarou no seu testamento que que-

ria que os seus restos mortaes fossem transportados sem pompa para a ilha do Corvo e ali enterrados em humilde sepultura. E quando esse seu desejo não podesse ser satisfeito que queria então ser enterrado no Gavião e no Gavião está sepultado.

O motivo d'essa sua resolução foi este. As leis de Mousinho, libertando a terra, atingiram os pobres habitantes da ilha do Corvo, apenas cem, perdidos no meio do Oceano, esquecidos da patria e de todo o mundo, até ali escravizados a um donatário qualquer. Aos do Gavião libertou-os Mousinho d'um pesado tributo que pagavam á casa de Bragança. Pois de todo o Portugal, que Mousinho libertou e nobilitou com as suas generosas e luminosas leis, só os pobres habitantes da ilha do Corvo, e os humildes habitantes do Gavião, se lembraram de mandar delegações agradecer a Mousinho os seus admiráveis serviços. Tãmanha excepção isto constituiu no meio da ingratidão e miserável esquecimento do paiz que Mousinho, que era natural de Castello de Vide, entendeu que o seu cadaver só poderia repousar com honra no meio d'aquelles povos humildes, mas honestamente agradecidos.

E lá está. Não foi para a ilha do Corvo, mas foi para o Gavião.

Ao povo, que sabe pouco, pedimos que grave na sua memoria o nome de José Xavier Mousinho da Silveira, um grande cerebro, um grande coração, um grande portuguez. E aos que sabem, aos homens cultos, que não se esqueçam, como deploravelmente se esqueceram os contemporaneos do grande e glorioso Mousinho da Silveira, gloria d'uma epocha e honra d'uma patria.

5 de abril.—São guilhotinados Danton, Camillo Desmoulin, Delacroix, Héroult-Léchelles, Philippeaux, Fabre d'Églantine e outros, 1794.

Um dos maiores crimes da historia e dos mais funestos erros da Revolução!

Guilhotinados os hebertistas e Anarcharis Cloots, dizimado assim o *Club dos Franciscanos*, Robespierre achou-se desembragado para perseguir mais livremente os dantonistas, os adversarios que, de todos, mais medo lhe metiam.

Eis como Aulard, o notavel historiador da Revolução, se refere ao facto na sua *Histoire Politique de la Révolution Française*:

«Vencedor dos seus adversarios da esquerda, o Comité de salvagão publica voltou-se contra os seus adversarios da direita, os Indulgentes e os Dantonistas. Tinha-os já desconsiderado e enfraquecido fazendo prender Fabre d'Églantine, falsamente accusado de agiotagem, assim como Basire. A 25 de Ventôse do anno II (15 de março de 1794) Héroult de Léchelles, membro do Comité de salvagão publica, onde representava as idéas diplomaticas de Danton, foi igualmente preso, sob a inculpação calunniosa de traição. Robespierre decidiu-se a ferir então o seu rival em popularidade, Danton, que Billaud-Varennes perseguia com as suas denuncias furiosas. Não ouso elle proprio denunciar o seu irmão d'armas, o homem do 10 de agosto, o chefe da defesa nacional em 1792. Fê-lo denunciar por Saint Just, ao qual forneceu os elementos d'um relatório odiosamente mentiroso. A 10 de germinal (30 de março) os dois Comités de salvagão publica e de segurança geral, reunidos, lavraram um mandado de prisão contra Danton, Delacroix, Camillo Desmoulin e Philippeaux, assignado por todos os membros presentes, excepto dois ou tres, entre os quaes Roberto Lindet, que exclamara, diz-se: «Estou aqui para defender os cidadãos e não para matar os patriotas!» Os seus collegas acreditaram sem duvida, com Carnot, que era forçoso assegurar a todo o preço, mesmo por meio d'um crime, a unidade governamental, e, como consequencia, a da defesa nacional; mas não fizeram mais do que servir a ambição de Robespierre.

No dia immediato, á noticia da prisão de Danton, houve na Convenção um movimento d'assombro, que esteve prestes a terminar n'uma revolta contra Robespierre. Murmurou-se, gritou-se: *Abaixo o dictador!* Le-

gendre pediu que os accusados fossem admittidos á barra. Mas Robespierre atterrou os opposicionistas com um discurso altivo e ameaçador. Legendre, assustado, balbuciou uma retractação e a Convenção votou que os accusados comparecessem perante o Tribunal revolucionario.

O processo dos dantonistas durou quatro audiencias, de 13 a 16 de germinal do anno II (2 a 5 d'abril de 1794). Os accusados, em numero de dezeseis, foram divididos, pelo libello accusatorio de Fouquier-Tivulle, em duas categorias: 1.º Delacroix, Danton, Desmoulin, Philippeaux, Héroult-Léchelles e Westermann eram accusados de terem formado «uma conspiração tendente a restabelecer a monarchia, a destruir a representação nacional e o governo republicano»; 2.º Fabre d'Églantine, Delaunay, Chabot, Basire, o abba de Espagnac, os dois Frey, Diderichsen, o hespanhol Gusman e Lulier, de terem formado uma conspiração tendente a diffamar e a aviltar a representação nacional, e a destruir pela corrupção o governo republicano.» Deveria haver dois processos, dois julgamentos, como deveria haver dois veredictos. Nada d'isso se fez. Julgou-se tudo de uma vez, n'um só julgamento, verdadeira *formada*, e com esse novo amal-gama associaram-se accusados politicos a accusados de direito commum, a fim de, com estes, deshonrar aquelles. Mas Danton conseguiu falar e a sua eloquencia impressionou o auditorio. Reclamou que fossem ouvidas testemunhas de defesa e o tribunal não sabia como recusar-lh'as. Então Saint-Just fez crer á Convenção que os accusados estavam em plena revolta e decretou-se que o tribunal podesse *exclui-los dos debates*. A 16 de germinal o jury declarou-se sufficientemente esclarecido, mas hesitava em se pronunciar pela culpabilidade. Alguns membros do Comité de segurança geral influíram então, diz-se, sobre o jury, allegando motivos politicos, a salvagão da Republica. E o jury decidiu-se, enfim, a declarar os accusados culpados. Estes protestaram com indignação, mas foram postos fóra da sala do tribunal, sendo a sentença de morte pronunciada na sua ausencia (16 germinal) e executada no mesmo dia.»

E assim morreram alguns homens eminentes, e entre elles, o maior tribuno e o maior jornalista da Revolução. Hamel, não obstante toda a sua sympathia por Robespierre, escreve: «A immolação de Danton e de Camillo Desmoulin foi, ao mesmo tempo, um crime e um erro immenso.»

Danton, que era, verdadeiramente, um grande homem, foi, entre muitas coisas, accusado de ladrão. Aulard nega e desfaz essa accusação no seu livro: *Études et Leçons sur la Révolution, première serie*.

Quando no parlamento, em 1891, ao ser resolvido e levantar-se uma estatua a Danton, alguns reaccionarios combatiam vivamente essa resposta, Aulard respondia-lhes: «Peço perdão aos pedantes, mas essa homenagem honrará a Republica e será gloriosa para a França.»

Como todos os revolucionarios da epocha, as pobres victimas morreram com grande coragem. Affirma-se que Danton disséra ao carrasco: «Depois de me cortares a cabeça, mostra-a ao povo, porque elle merece um espectáculo d'estes.»

A mulher de Camillo de Desmoulin, que o amava extraordinariamente, e que era uma mulher das mais formosas e espirituosas da epocha, poucos dias se demorou a segui-lo no cadafalso. Esse crime hediondo acabou de manchar o nome de Robespierre.

José Estevão que, segundo seu filho, abençoa da eternidade (ó aproveitamento humano!) João Franco e o seu grupo, pronuncia na camara, 1837, um notabilissimo discurso, advogando uma lei de responsabilidade ministerial, a abolição da camara dos pares e a abolição do veto real, ainda hoje, entre nós, aspirações da democracia.

6 d'abril.—O general Vinoy manda fuzilar o general communalista Duncal, prisioneiro de guerra, 1871. Graves tumultos no Rio de Janeiro, exigindo o povo a demissão do

ministerio e a abdicação de D. Pedro I em D. Pedro II, 1831. Instituição do jury em França, 1790.

7 d'abril.—E' extinta a inquisição e juizes do fisco em Portugal, 1821.

8 de abril.—Morre o barão de Ribeira de Sabrosa, Rodrigo Pinto Pizarro, 1841.

Era descendente de uma das mais nobres casas de Traz-os-Montes (Chaves).

Seguiu a carreira das armas, sentando praça de cadete, e cursando os estudos militares.

Conhecido e apontado pelas suas idéas liberaes, emigrou para Inglaterra.

Combateu violentamente a regencia de D. Pedro, duque de Bragança, em nome da rainha, accusou-o mesmo de occultos planos para recuperar a coroa que tinha abdicado. Lançou-se no grupo dos dessidentes, que tinha por chefe Saldanha. Escreveu muitos opusculos politicos, em que atacava a auctoridade e a pessoa de D. Pedro. A sua penna era forte e mordaz, os seus golpes chegavam findo.

Por isso foi com Saldanha e outros excluido de fazer parte da expedição que de Plymouth partiu para a ilha Terceira, a formar o exercito libertador. Conservou-se em Inglaterra até 1834. Eleito deputado por Chaves, sua terra natal, regressou a Portugal para tomar assento na camara; mas D. Pedro, que nunca lhe perdoou, mandou-o prender e metter na torre de S. Julião por ter regressado sem ordem do governo, e preso se conservou até á morte de D. Pedro.

Posto em liberdade, veiu á camara, defendeu á barra a sua eleição que lhe tinha sido contestada. Nesta defeza mostrou dotes de orador, os recursos do seu talento, o vigor da sua argumentação. Possuia variada instrução.

Era dotado de grande energia, e firmeza de vontade.

Adquiriu grande prestigio pela maneira energica e patriótica com que respondete sempre ás exigencias do gabinete britânico e ás suas pretensões de preponderancia sobre a politica de Portugal. Aristocrata por linhagem e por educação, a corrente dos acontecimentos levou-o naturalmente a alistar-se em 1836, sob a bandeira da democracia, hasteada pela revolução de setembro, e serviu-a sempre, até á morte, em tudo e por tudo com extrema lealdade, e quando muitos que se diziam puros, se aristocratisavam, elle o aristocrata *pur sang* despia-se de todos os preconceitos, de todas as idéas exclusivistas de nobreza, e punha o seu talento, a sua actividade ao serviço da democracia.

Ribeira de Sabrosa foi o ultimo lampejo da revolução.

O duque de Bragança considerava Pizarro não só como seu inimigo politico, mas como seu inimigo pessoal, e quando fez as pazes com Saldanha e com os outros emigrados, consentindo que viessem para Portugal, disse: «Todos menos o Pizarro.»

9 de abril.—Casa D. Maria II com D. Fernando, 1836, sendo arrancados mais uns cobres ao thesouro da nação.

CONGRESSO DE LETTARIA, OLIVICULTURA E INDUSTRIA DO AZEITE
Programma (Conclusão)

8.º Aproveitamento dos bagaços da azeitona; extracção do azeite pelos processos chimicos.

Relator o ex.º sr. Luiz Augusto Rebelo da Silva, Par do Reino, e lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

9.º Conservação do azeite.

Relator o ex.º sr. José Joaquim dos Santos, agronomo e director da Estação Agronomica de Lisboa, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

10.º Planos e modelos de lagares de azeite.

Relator o ex.º sr. Alberto Correia Pinto d'Almeida, agronomo, chefe de serviço na Escola Nacional de Agricul-

tura, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

11.º Lagares sociaes.

Relator o ex.º sr. Veríssimo Augusto Bôgalho Pinto, agrônomo e chefe de serviço na Escola Nacional de Agricultura, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal.

12.º Lagares-escolas e estações oleícolas; medidas de fomento applicadas á industria do fabrico do azeite.

Relator o ex.º sr. Bernardino Camillo Cincinato da Costa, agrônomo, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria, vice-presidente das direcções da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal e o regime do *drawback* applicado á importação do azeite estrangeiro; mercados oleícolas.

Relator o ex.º sr. Sertório do Monte Pereira, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria e presidente da commissão directora do Mercado Central de Produtos Agricolas, socio da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal e da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

14.º Credito agricola applicado á industria oleicola.

Relator o ex.º sr. conde de Penha Garcia, bacharel formado em direito, deputado da nação.

15.º Alterações e falsificações do azeite. Fiscalisação contra as fraudes.

Relator o ex.º sr. conselheiro Antonio Joaquim Ferreira da Silva, lente na Academia Polytechnica do Porto e director do laboratorio municipal, socio honorario da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa.

Art. 3.º Os assumptos constantes da enumeracão feita nos §§ 1.º e 2.º do artigo antecedente serão tratados em uma noticia escripta para cada thesa, por um relator especial nomeado pela Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, e as conclusões deverão ser precisas e claras para sobre ellas se poder pronunciar o Congresso.

Art. 4.º A discussão de cada uma das theses enumeradas n'este programma será previamente realisada em sessões preparatorias de secção, que poderão modificar as conclusões propostas conforme for julgado mais conveniente, sendo só depois d'isso effectuada em sessão plenaria do Congresso, que votará as conclusões com as alterações que forem apresentadas.

Art. 5.º O relatório sobre cada uma das theses e as respectivas conclusões, as actas das sessões de secção e das sessões plenarias, com o resumo das discussões votadas e a indicação das alterações votadas publicar-se-hão em volume especial que formará o relatório geral do Congresso.

Art. 6.º Além das theses propostas ao Congresso recebe quaesquer memorias e pareceres que lhe sejam enviados sobre os diferentes pontos do programma ou sobre quaesquer outros assumptos, que directamente se liguem com a materia do mesmo Congresso. Essas memorias e pareceres poderão ser impressos e appensos ao relatório geral.

Art. 7.º As condições de admissão ao Congresso e as disposições relativas ao ahanamento dos trabalhos nas duas partes, em que elle se divide, serão publicadas em regulamento especial.

INFORMAÇÕES LOCAES

Carreira de tiro.—Na séde da «Sociedade Recreio Artístico» acha-se patente a lista para a inscrição de socios que desejem concorrer á carreira de tiro, na Gafanha, no corrente anno.

A policia.—Lembramos aos agentes d'esta corporação para que se distribuam pelas dependencias do Circo portuense e não se estabeleçam só á porta da entrada, para ver se assim evitam os palavrões obscenos e avinhados que os malandros costumam vomitar.

O contrario será motivo para desordens e evitará que alli se levem senhoras.

E' bom pôr freio na bocca a quem costuma esmordaçar na obscenidade.

Trabalhos municipaes.—Veem-se por ahí bastantes, sobreshahindo o da antiga Praça da Fructa que vae ser arruada, regularisada e ajardinada. Este trabalho, junto com o concerto da ponte poente do caes, era de imperiosa necessidade.

Consta-nos que brevemente se vão dar principio a outros de maior vulto como sejam a demolição dos pretlios e parte do convento das Carmelitas para a nova Avenida do Terreiro e o inicianmento dos novos Asylos Escholares Districtaes, proximo ao jardim publico.

Incendio.—Ante-hontem, pelas 6 horas da manhã, deram as torres signal de incendio em Esqueira, convergindo para alli grande quantidade de povo e o material de incendio d'esta cidade.

A casa, onde se manifestou o incendio e que ardeu por completo, pertencia ao sr. João de Oliveira Vinagreiro, d'aquelle logar.

Achava-se segura na Companhia Fenix, hespanhola.

Trabalhos nas marinhas.—Com o torrido calor que tem feito, soprado ainda pelo serrano e desabrido nordeste, deram-se começo aos primeiros trabalhos marnotaes, esperando-se que em breve haja sal novo a luzir nas respectivas eiras.

Musica no jardim.—O programma que a banda de infantaria 24 executa hoje no jardim, das 5 ás 7 da tarde, é o que se segue:

Marcha. *Flavia*, ouverture (Reis). *Roses Blancas*, walsa (Benjamin). *Kilemon et Biancis*, phantasié (Gounod). *Fantasia Mourisca*, (Chapi). *Melodia* (Morães). *Florentina*, mazurka (Peixoto). *Passe calle*.

ESPECTACULOS

NÓ CAMPO DO RÓCIO

Companhia de cavallinhos.—Continua a ser regularmente concorrido o bonito barracão de flandres que assenta magesticamente no largo do Rocio. Temos visto ali trabalhos de primeira ordem, e deixem-nos avançar mais, como nunca esperámos de ver.

E' assombroso o trabalho executado por Mr. Costa na barra triplice fixa. Não se pôde pedir mais e o publico não se farta de applaudir. Os irmãos Thereza tambem rivalisam, certamente, com os melhores aerobatas do mundo, enthusiasmando por isso os espectadores. Os restantes artistas são tambem de muito mereuimento e todo o trabalho executado pôde-se dizer que é primoroso. Para breve temos novos artistas a debutar.

Theatro Palet.—Um pouco infeliz por se achar distanciado do local da concorrência tem tido ainda assim alguns dias de regular concorrência. Os trabalhos do sr. Joaquim Antonio de Sousa são dignos de ser visitados pois o animatographo, ou photographia animada, como lhe queiram chamar, é hoje o assumpto da epocha.

Esterioscopio Onofre.—Muito concorrido de dia e á noite pelas excellentes vistas que em numeroes variados se apresentam ao publico.

O homem gordo.—Tambem o phenomenal homem das carnes tem tido a admiracão de muita gente porque muito ali tem concorrido para ver a sua corpulencia verdadeiramente descomunal.

ANNUNCIOS

Reitios quasi de graça só na Oficina de alfaiate DO ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO RUA DO GRAVITO Dirigida por Francisco Marcos de Caryalho

N'esta officina executã-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á ar 6.

BAGAÇOS ALIMENTAES VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome; rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentacão de todos os animaes.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,5000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,5000
Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Guia prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Critica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flores—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga..... 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alentejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

EM TODA A PARTE OS

Armazens

Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encomenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.^a

LISBOA

PDARI FERREIR

& MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 18000 a 38000 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; vel'as marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Nuvia*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Coloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falta qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estacua de JOSÉ ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o massô.

R. da Boa Vista, 3 — Lisboa

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO